

Imagem etnográfica: conceitos, significados e relevância para as pesquisas qualitativas em educação

Adriane Matos Araújo¹

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57787>

Resumo: O objetivo desse artigo é conceituar e significar a imagem etnográfica nas interpretações sobre a realidade educacional e sociocultural na pesquisa qualitativa. A pergunta que norteou essa investigação foi: “O que é a imagem etnográfica e quais são as suas características?”. A metodologia desse trabalho é a metaetnografia que considera os conceitos elaborados nos estudos primários como metáforas e, quando estudadas ou traduzidas, são transformadas em analogias que comparam os sentidos em um outro olhar, criando, assim, uma nova interpretação. É sobre a potência visual que a imagem etnográfica possui que se constata esse artigo. Pois, entendo a imagem etnográfica como representação cultural do contexto, ou seja, ela tem uma conotação global e não precisa de uma explicação ao visualizá-la. Nesse artigo compreendi que as imagens analisadas são etnográficas por serem imagens que revelam a realidade da sala de aula de forma cultural de entendimento universal. Ou seja, em qualquer contexto social de culturas aproximadas, a imagem etnográfica pode ser interpretada, dando a esse tipo de imagem uma especificidade no processo interpretativo e na produção de conhecimento, especialmente, em educação.

Palavras-chave: imagem etnográfica; metaetnografia; imagem; etnografia; educação

Imagen etnográfica: conceptos, significados y relevancia para la investigación cualitativa en educación

Resumen: El objetivo de este artículo es conceptualizar y dar sentido a la imagen etnográfica en las interpretaciones de la realidad educativa y sociocultural en la investigación cualitativa. La pregunta que guió esta investigación fue: “¿Qué es la imagen etnográfica y cuáles son sus características?”. La metodología de este trabajo es la metaetnografía, que considera los conceptos elaborados en los estudios primarios como metáforas y, al ser estudiados o traducidos, se transforman en analogías que comparan los significados en otra mirada, creando así una nueva interpretación. Este artículo trata sobre el poder visual que tiene la imagen etnográfica. Bueno, yo entiendo la imagen etnográfica como una representación cultural del contexto, es decir, tiene una connotación global y no necesita explicación a la hora de visualizarla. En este artículo entendí que las imágenes analizadas son etnográficas porque son imágenes que revelan la realidad del aula de una manera cultural de comprensión global. Es decir, en cualquier contexto social de culturas aproximadas, la imagen etnográfica puede ser interpretada, dando a este tipo de imagen una especificidad en el proceso interpretativo y en la producción de conocimiento, especialmente en la educación.

¹ Adriane Matos Araújo. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora junto à Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. E-mail: adrianematosaraujo@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-3568-2393>

Palabras clave: imagen etnográfica; metaetnografía; imagen; etnografía; educación.

Ethnographic image: concepts, meanings and relevance for qualitative research in education

Abstract: The objective of this article is to conceptualize and give meaning to the ethnographic image in the interpretations of the educational and sociocultural reality in qualitative research. The question that guided this investigation was: "What is the ethnographic image and what are its characteristics?". The methodology of this work is metaethnography, which considers the concepts elaborated in primary studies as metaphors and, when studied or translated, are transformed into analogies that compare the meanings in another look, thus creating a new interpretation. This article is about the visual power that the ethnographic image has. Well, I understand the ethnographic image as a cultural representation of the context, that is, it has a global connotation and does not need an explanation when viewing it. In this article I understood that the analyzed images are ethnographic because they are images that reveal the reality of the classroom in a cultural way of global understanding. That is, in any social context of approximated cultures, the ethnographic image can be interpreted, giving this type of image a specificity in the interpretative process and in the production of knowledge, especially in education.

Keywords: ethnographic image; metaethnography; image; ethnography; education.

Imagem etnográfica: conceitos, significados e relevância para as pesquisas qualitativas em educação

Introdução

Quando penso sobre o conceito etnográfico, entendo o "o ser e o fazer etnográfico" como uma ação dialógica, através da percepção e da interação com o outro e com a sua realidade. Isto é, interpretar junto com o outro, a partir da sua realidade dentro de um universo cultural e suas interações sociais (MATTOS; CASTRO, 2011; ERICKSON, 1992, 2004). Por conta disso esse artigo nasceu de uma inquietação minha, enquanto pesquisadora, pois realizei uma metaetnografia ao analisar a base de dados do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) que desenvolveu

mais de 30 anos de pesquisas etnográficas com imagens.

Essa inquietação me provocou a questionar: "Toda imagem produzida na pesquisa etnográfica pode ser considerada uma imagem etnográfica?". Nesse sentido, refleti "Será que toda imagem produzida nas pesquisas etnográficas dá conta de revelar o contexto cultural com entendimento universal?" e "Será que só há imagem etnográfica dentro da pesquisa etnográfica ou outro tipo de pesquisa pode gerar uma imagem etnográfica?". Essa problemática surgiu durante o desenvolvimento da minha tese de doutorado (ARAÚJO, 2020).

Por esse motivo esse artigo é parte dos resultados da tese supracitada.

Ao longo da história percebo o quanto as imagens vêm influenciando os nossos processos educacionais e culturais. Elas fazem parte da vida dos seres humanos há milhares de anos, a evolução humana é refletida nelas, revelando os contextos e os espaços de suas épocas. A percepção e a subjetividade partem da criação ou da recordação de imagens externas ou internas ao indivíduo. Segundo Nova (2003) as imagens externas são percebidas através de uma interpretação em termos espaciais e tridimensionais, já as imagens internas, são produzidas na mente independentemente, de termos físicos e químicos e da percepção visual ótica. Não por acaso, as primeiras manifestações de criatividade foram exteriorizadas em formas imagéticas.

A imagem é polissêmica e em cada época seu sentido e seu alcance vão sendo ampliados na construção do conceito de mundo, de cultura, de sociedade e de religião. Segundo Oliveira (2008), na concepção do homem medieval, as imagens possuíam um cunho religioso ligada à visão de mundo das pessoas da

época. As imagens ilustravam, propagavam e ensinavam a respeito dessas construções históricas e religiosas. Os artistas medievais elaboravam suas obras no intuito de ampliar a capacidade das pessoas de vê-las e entendê-las representando Deus, as criaturas e as realidades abstratas da fé em diversificadas formas artísticas como vitrais, afrescos e mosaicos.

A revolução da imagem a partir da perspectiva da pintura em tela, mosaico, afresco e vitral abriu caminho para os cientistas. As imagens científicas modernas admitem a realidade dos fenômenos físicos e, no século XIX, a imagem começa a invadir os espaços das interações humanas e adotam inovações tecnológicas. Prosseguindo para o século XX, o paradigma analógico dá lugar ao universo digital. Surge a Internet que rompe como fronteira espacial, se populariza e pulveriza a imagem. Uma enxurrada de imagens, movimentos de imagens e diversas dimensões da imagem divulgadas, publicadas, acessadas e compartilhadas em Rede, de maneira incontrolável, dão às imagens um

destaque na cultura contemporânea (WERTHEIM, 2001).

No século XXI, o parâmetro vivido é de uma velocidade e fluidez nunca experimentada antes, conseqüentemente altera a sensibilidade e a experiência tecnológica vira parâmetro do que se espera da sala de aula. A relação física com os dispositivos eletrônicos altera a forma de agir entre os mais novos e os mais velhos, sujeitos em interação. Daí a importância de se ampliar a consciência de que as imagens e as tecnologias digitais fazem parte de um todo.

Diante desse panorama entendo que a imagem é uma forte aliada tanto para as práticas educacionais e pedagógicas, quanto para as práticas de pesquisa, especialmente, a pesquisa etnográfica e a pesquisa qualitativa. Pois a imagem potencializa as análises científicas ao descrever e discutir contextos, pois expressa o que as pessoas na sociedade, de uma forma geral, vivenciam e como elas refletem suas subjetividades e representações (ARAÚJO, 2019).

Na primeira etapa da tese (ARAÚJO, 2020) realizei uma revisão

de literatura que informou como as pesquisas etnográficas entendiam a imagem etnográfica. Verifiquei que não havia uma definição precisa, mas uma interpretação sobre o uso das imagens em pesquisa etnográfica. Encontrei três formas desse uso: 1) através da etnografia visual (MATTOS *et al.*, 2006; MATTOS, 1992; ERICKSON, 1992); 2) através da microetnografia (ERICKSON, 2004a; 2004b; MATTOS; COELHO, 2011; MATTOS; CASTRO, 2011; MATTOS; CASTRO; ARRUDA, 2004; MOURÃO, 2006; ERICKSON; SHULTZ, 1981); e, 3) através da interpretação das vozes dos sujeitos pesquisados (SPINDLER; SPINDLER, 2000; MATTOS; CASTRO, 2005; MOURÃO, 2006; LAGE, 2004; ALVES, 2012). Esses autores e teorias são os pressupostos teóricos que me ajudam a refletir e discutir os dados trabalhados nesse artigo, juntamente com Bourdieu (2015) quando trata sobre a violência simbólica e as relações de poder, assim como, com Alves (2012) quando traz em sua pesquisa o conceito de reflexividade do aluno nas pesquisas. Bem como, Mattos (2022) e Vasconcellos (2016) quanto discutem a questão do

fracasso escolar e a multirrepetência na educação brasileira.

Na etnografia visual, as imagens etnográficas são entendidas como um instrumento que possibilita a interpretação do contexto social analisado de forma crítica, ampliando a visão do pesquisador a respeito dos eventos, ações e interações. Nesse sentido, a microetnografia - como um método que explora as imagens etnográficas - instiga o olhar atento do etnógrafo em educação ao centro das interações em sala de aula: professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor e, assim, sucessivamente. Enquanto, o aspecto que tratou sobre a interpretação das vozes dos sujeitos mostra que as imagens nas pesquisas etnográficas são validadas como fontes de esclarecimento e instrumento de transparência. Pois, possibilitam a compreensão de sentidos e significados das interações educacionais, ampliando as lentes da educação para que tenha foco naquele que deve ser o centro de todo processo educativo - o aluno -, incluindo os que fracassam.

A partir da revisão de literatura desenvolvida percebia ausência de uma definição clara ou um conceito

sobre o caráter da imagem etnográfica. Por esse motivo, me debrucei a desenvolver um conceito e perceber as características que dizem respeito às imagens etnográficas, principalmente, porque é desejável que os estudos qualitativos sejam compreendidos de forma aprofundada. Pois, as pesquisas qualitativas, em especial as etnográficas, produzem subsídios, em uma perspectiva dialógica, que podem ser aplicados no delineamento de estratégias de superação das desigualdades socioeducacionais.

Diante disso, o objetivo desse artigo é conceituar e significar a imagem etnográfica nas interpretações sobre a realidade educacional e sociocultural na pesquisa qualitativa. Assim sendo, a pergunta que norteou essa investigação foi: “O que é a imagem etnográfica e quais são as suas características?”.

A metodologia desenvolvida foi a metaetnografia de Noblit e Hare (1988) que é fundamentada na teoria de Turner (1980), onde toda explicação é essencialmente comparativa e toma a forma de tradução, ou seja, interpretação. Baseia-se no legado literário do

interpretativismo (TURNER, 1980; CLIFFORD; MARCUS, 1986;) e considera os conceitos elaborados nos estudos primários como metáforas e, quando estudadas ou traduzidas, são transformadas em analogias que comparam os sentidos em um outro olhar, criando, assim, uma nova interpretação (NOBLIT; HARE, 1988).

Nesse artigo apresento a descrição do processo metodológico e nas seções dos resultados e discussões revelo o caráter da imagem etnográfica, a partir de um quadro de análise que identifica as peculiaridades etnográficas de uma imagem e revelo a análise de quatro imagens produzidas em pesquisas etnográficas em sala de aula.

Metodologia

A metodologia aplicada nesse artigo é a metaetnografia. A metaetnografia de Noblit e Hare (1988) envolve sete etapas que devem resultar na produção de uma nova interpretação. Nela reúnem-se as descobertas dos relatos dos participantes e as interpretações dos pesquisadores relatados nos estudos originais através de uma variedade de procedimentos, incluindo a análise de

tradução recíproca, tradução refutável e síntese de linhas de argumento utilizadas por diferentes participantes das análises.

Para Noblit e Hare (1988) a tradução recíproca busca a analogia e a compreensão dos significados encontrados nos estudos. Sendo assim, entendo que, para Noblit e Hare (1988), tradução refutável é uma ação que pode ser contestada, que não é absoluta, que parte de uma interpretação, de um meio de comparação e de análise de significados que podem ser refutadas. Enquanto, a síntese de linhas de argumento diz respeito a coerência dos embasamentos que as pesquisas estudadas usam para validar seus argumentos.

Este trabalho foi desenvolvido baseado nas 07 (sete) etapas metodológicas propostas ao processo metaetnográfico (NOBLIT; HARE, 1988). Dessa forma, o delineamento metodológico foi o seguinte:

Etapa 1 – Escolher a base de dados da pesquisa: escolhi o banco de dados de 32 anos de pesquisas etnográficas desenvolvidas pelo NetEDU (tive acesso por fazer parte do grupo de pesquisa na época);

Etapa 2 – Coletar e selecionar as pesquisas: criei critérios que selecionassem pesquisas que usaram

imagens em suas interpretações sobre a sala de aula.

Quadro 1 – Base, coleta e seleção (Etapa 1 e 2)

Base de dados	Critério de seleção	Textos analisados
376 textos sobre imagem e imagem etnográfica	-somente documentos de projetos e relatórios de pesquisa; -somente pesquisas que usaram e estudaram as imagens; -somente pesquisas que produziram imagens.	25 textos acadêmicos, sendo: 11 projetos de pesquisa, 10 relatórios de pesquisa, 03 artigos e 01 manual de pesquisa. Totalizando o material de 09 pesquisas
09 Pesquisas selecionadas do NetEDU (coordenadas pela Prof.^a Dr.^a Carmen de Mattos):		
1) Mulheres Encarceradas e seus Filhos(as): vulnerabilidades, desigualdades e disparidades socioeducacionais e suas intersecções de gênero e pobreza - um estudo etnográfico em Brasília, DF e Rio de Janeiro (MATTOS, 2015)		
2) Gênero e Pobreza: a situação educacional dos filhos e filhas de mulheres presas e dos filhos e filhas de jovens infratoras no estado do Rio de Janeiro (MATTOS; CASTRO; MACIEL, 2012)		
3) Gênero e Pobreza: Práticas, Políticas, Teorias e Tecnologias Educacionais - Imagens de Escolas (MATTOS, 2012)		
4) Fracasso Escolar no Brasil: Gênero e Pobreza (MATTOS, 2010)		
5) Imagens Etnográficas da Inclusão Escolar: o Fracasso Escolar na Perspectiva do Aluno (MATTOS, 2008)		
6) TEJA / META: ações socioeducativas usando computadores (MATTOS; PUGGIAN,2002)		
7) Metacognição em sala de aula: um estudo sobre os processos de construção do conhecimento na perspectiva do jovem infrator no Estado do Rio de Janeiro (MATTOS; MACIEL,2002)		
8) TEJA -Tecnologia Educacional para Jovens e Adultos: enfrentando o fracasso escolar. UERJ/UFF/UENF (MATTOS, 1998)		
9) Fracasso Escolar: Imagens de Explicações Populares sobre dificuldades educacionais entre jovens de áreas rural e urbana do Estado do Rio de Janeiro (MATTOS, 1996)		

Fonte: Araújo (2020)

Etapa 3 – Ler e relacionar as pesquisas: a ferramenta de leitura e análise foi o mapa conceitual anotado e as pesquisas foram selecionadas pelas imagens produzidas em sala de aula;

Etapa 4 – Sintetizar as pesquisas: analisei e organizei a caracterização de cada pesquisa;

Etapa 5 – Apresentar os resultados interpretados/traduzidos: categorizei os resultados encontrados através da tradução recíproca e da linha de argumentos;

Etapa 6 – Dissertar sobre o objeto de estudo: apresentei as análises e as novas interpretações das pesquisas a partir dos direcionamentos metaetnográficos;

Etapa 7 - Considerações finais do estudo.

A partir do desenvolvimento metodológico que apresentei, esse artigo traz parte dos resultados da tese (ARAÚJO, 2020) e revela o resultado da análise sobre como identificar o caráter da imagem etnográfica.

Resultados e discussões

Na análise das pesquisas estudadas percebi que o NetEDU entende a imagem como uma forma de interpretação (MATTOS, 2005; ALVES, 2012; VASCONCELLOS, 2016; BORGES, 2018), porém acentua-se que toda interpretação tem perdas e, por esse motivo, nenhuma forma de descrição da imagem a substitui. Já que se interpreta a partir do que se tem sobre nossas representações, visões de mundo e conceitos. Em suas discussões o NetEDU traz Sicard (1998), que entende a imagem mais que aparência, pois, para ele, a imagem faz parte do objeto da realidade. Aplicou, também, Goffman (1959) na questão do *self* socialmente construído a partir das interações humanas e referências culturais, ou seja, a

imagem autoprojeta na perspectiva teatral.

A despeito da realidade como um conjunto de imagens e memória como preservação da imagem, trabalhou com os estudos de Bergson (1968). Enquanto visitou Santaella (1983) para estudar a imagem enquanto signo e portadora de cognição como semiótica da imagem. Em Mitchel (1992), estudei sobre as dimensões da imagem, tais como gráficas, óticas, perceptivas, mentais e verbais. Contudo, em Sontag (1977), estudei que as mudanças sociais são substituídas por mudança de imagem, como exemplo minicâmeras de vigilância subjetivam a realidade com a intenção de objetivá-la. Acrescentou esse pensamento com Noth; Santaella (1999) com o entendimento da representação da imagem como resultado da mente e imagem da mente como resultado de objetos concretos. Por fim, estudei sobre a etnografia da imagem em Kendon (1977), Erickson (1986; 1992), Becker (1985) e Mattos (2004).

Percebi um fator interessante na pesquisa de Mattos (2005) na qual se constatou que o uso de imagem não era bem aceito na educação; muitas

vezes, ela foi questionada sobre seu uso nas diferentes formas de análise do campo educacional. Diante disso, os(as) pesquisadores(as) interpretaram de forma crítica essa constatação, uma vez que a área da educação privilegiava letras e números, desmerecendo o valor da imagem.

A partir disso, entendi que, principalmente na época da produção dessas pesquisas, a imagem ainda não tinha a grande proporção de produção como nos dias de hoje, pois nos anos 90 (noventa), o uso de imagem exigia câmeras pesadas e hoje apenas um telefone celular já é o suficiente. Acredito, também, que a imagem ainda não era considerada criticamente como um texto, uma mensagem ou uma linguagem visual. Porém, mesmo na época, os(as) pesquisadores(as) do NetEDU já criticavam essa postura e entendiam, segundo os relatos das pesquisas, que a imagem era um instrumento de esclarecimento da realidade e de práticas que valiam um debate crítico.

Diante dessas constatações compreendi o quanto a imagem é poderosa. Esse poder pode impactar sociedades e eternizar evidências da

realidade que a imagem traz na sua essência. No contexto da escola, entendi que a imagem etnográfica coopera na representação, na significação e na interpretação dos aspectos culturais do contexto da sala de aula, pois, na análise de uma imagem etnográfica, ela fala por si só, ela se traduz no mundo, ou seja, tem uma conotação global.

Para clarificar essa explicação, escolhi uma imagem que traduz o que significa imagem etnográfica a partir da ideia exposta. Essa imagem não é do acervo do NetEDU, mas é de uma sala de aula na Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos, no ano de 1948. Ela corrobora no entendimento do quanto a imagem etnográfica possui um significado universal quando analisada.

Figura 1 – George W. McLaurin – primeiro afro-americano da Universidade de Oklahoma



Fonte: Cross (1975)

A imagem etnográfica exposta na “Figura 1” revela o enfrentamento de McLaurin para estudar em uma sala de aula na Universidade de Oklahoma nos Estados Unidos no ano de 1948. No contexto da época, as pessoas afro-americanas sofriam com a segregação racial, facilmente notada ao analisar essa imagem, onde McLaurin foi excluído geograficamente dentro da sala de aula. No contexto dos anos 40 (quarenta), as pessoas afro-americanas lutavam pelo seu acesso e seu direito à educação. Contudo, a implacável exclusão educacional e todos os estigmas e preconceitos que a acompanham faziam parte do dia a dia dessas pessoas e, ainda, perseveraram nos espaços escolares atualmente, conforme revelam as imagens das pesquisas estudadas na tese de Araújo (2020).

É sobre essa potência visual que a imagem etnográfica possui que se constata esse artigo. Pois, entendo a imagem etnográfica como representação cultural do contexto, ou seja, ela tem uma conotação global e não precisa de uma explicação ao visualizá-la dentro de culturas aproximadas. Se levamos em conta a

etnografia como epistemologia, facilmente, compreendemos a “Figura 1” como uma imagem etnográfica, pelo fato da imagem por si só expressar valores, comportamentos, cultura, o núcleo das relações, a ação social e por identificar os atores sociais que se revelam através do visual refletido na imagem. Mas, se a etnografia for considerada somente uma metodologia, não será possível compreender essa imagem como etnográfica, uma vez que não se sabe se é uma imagem construída em campo de pesquisa etnográfico. Todavia, trata-se de uma imagem criada repleta de sentidos e representações universais.

Com o avanço da tecnologia digital na indústria da imagem, o uso de imagens no campo de pesquisa vem sendo aprimorado. Hoje, a imagem está em praticamente tudo, nos meios de comunicação, no jornalismo, nas atividades domésticas, individuais e pessoais. A imagem tornou-se um lugar das “verdades”, ou seja, se não tem imagem, não tem verdade.

De certa forma, isso facilita o trabalho de pesquisadores que podem usar o registro de imagens de

diferentes formas e perspectivas e podem, ainda, armazená-las de maneira segura. As imagens podem ser revisitadas, reestudadas, reinterpretadas, reanalisadas considerando o contexto e comparadas com novas descobertas em novas pesquisas; cooperando, substancialmente, com novos estudos, uma vez que o processo educacional é dinâmico e transitório.

Todavia, a imagem etnográfica é diferenciada da imagem do senso comum, como se pôde notar na imagem da “Figura 1”, pois ela vai além de uma imagem produzida em campo de pesquisa. Ela surge a partir da análise e da interpretação de novos conhecimentos e saberes através de uma linguagem visual que desvela contextos sociais. Isto é, a imagem etnográfica aplicada no campo educacional reflete muito mais do que uma imagem, mas, sim, uma expressão da realidade de forma visual, pois explora a concepção de que a imagem é a representação, a percepção e a expressão da realidade.

Para o NetEDU (base de dados desse artigo) a imagem revela o sentido dos textos e dos contextos, ou seja, através das imagens, busca-se

entender a hermenêutica da cultura visual identificada. Isto é, o NetEDU parte da abordagem semiótica, onde as relações tanto com o objeto quanto com os outros signos eram a base da análise por considerar a imagem enquanto signo. Dessa forma, comparavam a imagem física e seu significado a partir de três planos da expressão: 1) sobre o que a imagem mostra; 2) sobre a realidade do significante, que a imagem se refere; e, 3) sobre o conteúdo material, ou seja, significado dele. Afinal, o NetEDU interpretava as imagens questionando as percepções, tais como: situações sociais, econômicas e culturais do contexto estudado e dos seus sujeitos. O núcleo se baseou nos estudos de Rogoff (1998), que entende que as imagens têm uma relação não só com o que se vê, mas com o que se ouve, com o que se fala, sobre o espaço e sobre a história da conjuntura.

Para o processo de seleção das imagens etnográficas da sala de aula, geradas nas pesquisas do NetEDU, elaborei, na minha tese, um quadro de análise para avaliar se a imagem produzida tinha o caráter etnográfico ou não. Como entendo a etnografia como interpretação de contexto e

assumo que a imagem é representação, cultura e linguagem visual e significado da realidade, elegi quatro conceitos: 1) representação (GOFFMAN, 2009); 2) cultura (GEERTZ, 1989); 3) linguagem visual (MATOS, 2005); e, 4) significado (SANTAELLA, 1983)". Gerei, a partir desses conceitos, quatro perguntas de análise imagética:

- 1) "O que está acontecendo nessa imagem?"(representação);
- 2) "Qual é o núcleo das relações?" (cultura);
- 3) "Que lugar é esse?"(linguagem visual);
- 4) "O que significa esse espaço?"(significado).

Defini que, ao se deparar com uma imagem, era preciso que essas

perguntas fossem feitas e respondidas individualmente a cada imagem. Mas, ao final das quatro primeiras perguntas, eu precisava saber se as respostas possuíam um reconhecimento de caráter universal, gerando assim, a quinta pergunta do quadro analítico:

- 5)"Tem caráter universal, se reconhece em qualquer contexto?". Essa resposta precisava ser positiva para que uma imagem fosse considerada etnográfica, pois a interpretação da imagem tem que impactar o particular e o geral. Os detalhes podem ser vistos no "Quadro 2" a seguir:

Quadro 2: Quadro Analítico da Imagem Etnográfica

Quadro Analítico da Imagem Etnográfica	
Conceito	Pergunta
Representação	1) O que está acontecendo nessa imagem?
Cultura	2) Qual é o núcleo das relações?
Linguagem Visual	3) Que lugar é esse?
Significado	4) O que significa esse espaço?
Pergunta final que transpassa todas elas:	
5) Tem caráter universal, se reconhece em qualquer contexto?	

Fonte: Araújo (2020)

Cada imagem encontrada nas pesquisas do NetEDU passou pelo processo analítico exposto no "Quadro 2". Na tese de Araújo (2020) foram

eleitas 10 (dez) imagens que foram consideradas etnográficas e são fruto das pesquisas do NetEDU. Essas imagens foram categorizadas em 03

(três) temáticas que eram comuns entre elas: briga, crime e sala de aula. Na categoria “briga”, encontrei imagens de brigas dentro da sala de aula; na categoria “crime”, encontrei imagens que remetiam ao crime organizado (tráfico de drogas); e, na categoria “sala de aula e a relação professor-aluno”, encontrei as imagens que revelavam a imagem da sala de aula e as relações professor-aluno.

Para o recorte de análise **desse artigo** elenquei a categoria “sala de aula e a relação professor-aluno”. As três categorias desenvolvidas na tese trazem relevantes contribuições, mas o recorte de um artigo possui limitações em suas dimensões. Diante disso, escolhi apenas uma das categorias de forma aleatória como caráter de amostragem/recorte dos resultados encontrados. Essa categoria escolhida possui 04 imagens que serão analisadas uma a uma.

1- Análise das Imagens etnográficas – categoria “sala de aula e relação professor-aluno”

As imagens expostas a seguir nas “Figuras 2, 3 e 4 e 5” revelam a representação da sala de aula e a relação professor-aluno. As três

primeiras imagens “Figuras 2, 3 e 4” são desenhos feitos pelos alunos nas pesquisas etnográficas de Mattos (2010) quando foram solicitados que escrevessem uma redação e desenhassem a sua própria realidade. Enquanto a “Figura 5” é a imagem de uma das cenas de vídeo da pesquisa etnográfica de Mattos (2008). A partir da análise feita com a aplicação do quadro exposto anteriormente (Quadro 2: Quadro Analítico da Imagem Etnográfica), constatei que essas imagens são caracterizadas como imagens etnográficas. Cada imagem selecionada para esse artigo e seus processos analíticos estão expostos nas subseções a seguir.

1.1 Imagem etnográfica: Sala de aula - avaliação da professora

Figura 2– Imagem etnográfica: avaliação da professora



Fonte: Mattos (2010)

a) As cinco perguntas do Quadro Analítico da Imagem Etnográfica:

I) Pergunta sobre a representação: O que está acontecendo nessa imagem?

No lado esquerdo da imagem, aparece uma professora grande apontando para um quadro com expressões numéricas variadas e os alunos pequenos sentados em cadeiras. Do lado direito da imagem, aparece a mesma professora entregando algo a um aluno, o que parece ser um boletim de notas, e dizendo a ele que sua nota foi “0” porque não prestou atenção.

II) Pergunta sobre a cultura: Qual é o núcleo das relações?

Revela uma cultura escolar na qual se aplica de conteúdo e avalia-se por comportamento, uma vez que a nota foi avaliada pelo comportamento do aluno quando se percebe que está descrito: “porque não prestou atenção”. E a marca da hierarquização da sala de aula por conta do tamanho da professora ser bem maior do que do aluno.

III) Pergunta sobre a linguagem visual: Que lugar é esse?

Aparenta ser uma sala de aula.

IV) Pergunta sobre o significado da imagem: O que significa esse espaço?

Significa uma sala de aula pela estrutura que se vê de mesas, cadeiras, crianças enfileiradas, quadro escrito com conteúdo numérico, a posição geográfica e hierárquica dos personagens.

V) Pergunta final que transpassa todas as anteriores : Todas as respostas têm caráter universal, se reconhece em qualquer contexto? Sim

b) A análise da imagem etnográfica na “Figura 2”:

Eu considero a imagem na “Figura 2” como uma imagem etnográfica, uma vez que, responde satisfatoriamente as 05 perguntas do quadro analítico. Pois ela revela o caráter representativo, o aspecto cultural, a linguagem visual e o significado do contexto apresentado na imagem.

Essa imagem etnográfica reflete duas cenas em uma sala de aula. Na primeira cena, o aluno representa a si mesmo e a sua turma (GOFFMAN, 2009) como bem pequenos diante de uma professora bem grande ensinando multiplicação, divisão e soma, tudo na mesma expressão

matemática. Na segunda cena, há um dos alunos, acredito que seja o próprio aluno que fez o seu desenho autorreflexivo (ALVES, 2012), recebendo um boletim de avaliação da professora - ele já pressupõe ter recebido nota zero, porque ele não prestou atenção durante as aulas. Ou seja, ele se vê avaliado pelo seu comportamento e não pelo resultado do seu trabalho, revelando um tipo de violência simbólica caracterizada pelas relações de poder impostas na sala de aula (BOURDIEU, 2015).

Além disso, a imagem etnográfica reflete como o aluno se vê em sua realidade em sala de aula, como ele vê a professora e o que ele espera dela. A percepção do aluno é que ela é maior do que ele, ou seja, ela detém o poder e já conhece o resultado das suas atividades em sala, pois ele expressa que não aprende nada, por isso tira zero. Conflito e fracasso escolar (MATTOS, 2022) estão expostos nesse texto em formato de desenho produzido por um aluno - sujeito da pesquisa.

1.2 Imagem etnográfica: Sala de aula - comportamento

Figura 3– Imagem etnográfica: Sala de aula – comportamento



Fonte: Mattos (2010)

a) As cinco perguntas do Quadro Analítico da Imagem Etnográfica:

I) Pergunta sobre a representação: O que está acontecendo nessa imagem?

Uma sala com duas pessoas posicionadas atrás, com pequenas mesas mais ao centro do espaço e distantes de uma pessoa maior que elas atrás de uma mesa. Com duas legendas: na pessoa maior, “Quietos” e, nas pessoas menores, “Ela dano esporo”.

II) Pergunta sobre a cultura: Qual é o núcleo das relações?

Revela uma cultura escolar por conta da posição geográfica das duas pessoas menores que parecem ser alunos e da pessoa maior em uma mesa maior que se assemelha à

professora. Mostra, também, que os alunos expressam que o professor chama mais atenção dos seus comportamentos do que se empenha em aplicar os conteúdos escolares.

III) Pergunta sobre a linguagem visual: Que lugar é esse?

Aparenta ser uma sala de aula.

IV) Pergunta sobre o significado da imagem: O que significa esse espaço?

Significa uma sala de aula pela estrutura que se vê de mesas pequenas e grandes, crianças enfileiradas e pelo conteúdo das legendas.

V) Pergunta final que transpassa todas as anteriores : Todas as respostas têm caráter universal, se reconhece em qualquer contexto? Sim

b) A análise da imagem etnográfica na “Figura 3”:

Eu considero a imagem na “Figura 3” como uma imagem etnográfica, uma vez que, responde satisfatoriamente as 05 perguntas do quadro analítico. Pois nota-se o espaço da sala de aula e como o aluno demonstra a professora e sua atuação. Percebe-se que o aluno que produziu esse desenho se vê (ALVES, 2012)

praticamente sozinho na sala de aula e que a professora está diante dele tratando o seu comportamento e não ministrando conteúdos escolares. Nota-se que o documento nas mãos da professora escrito “quietos” não é sobre conteúdos escolares, mas sim, uma advertência sobre o comportamento. Ratificando, dessa forma, Mattos (2008; 2012) quando conclui que os professores analisados nas pesquisas avaliam mais seus alunos pelo caráter disciplinar e comportamental do que por conta da interação pedagógica, como trecho da pesquisa a seguir:

O que essas falas têm em comum é que as características de transgressão às normas de sala de aula, de não aceitação da rotina escolar foram marcantes para as professoras que mencionaram o fato no conselho de classe antes da avaliação da aprendizagem desses alunos. As falas dessas professoras demonstram que outras características se sobrepõem a aprendizagem dos alunos no momento da avaliação nos Conselhos de Classe como foi mencionado no caso acima de comer na sala de aula, chegar atrasado, misturar calçado com alimentos, ou seja, toda uma série de questionamentos são feitos antes de chegar à produção escolar do aluno. Por sua vez, as meninas, por

apresentarem um comportamento mais próximo do “modelo de aluno” esperado pela escola – mesmo que apresentem passividade diante das tarefas propostas, elas transgridem menos as normas da escola, recebem avaliações centradas no conceito, na aprendizagem, no comportamento e nas faltas pela ordem de menções pelas professoras. Elas são menos consideradas nas apreciações do que dos meninos (MATTOS, 2012, p. 11).

Percebe-se, nessa imagem etnográfica, que o aluno entende que o foco na sala de aula seria disciplinar o comportamento dele. Ela expressa o quanto o aluno se sente distante, isolado e intimidado diante da interação entre ele e a professora em sala de aula.

1.3 Imagem etnográfica: Sala de aula – excesso de tarefas

Figura 4– Imagem etnográfica: Sala de aula – excesso de tarefas



Fonte: Mattos (2010)

a) As cinco perguntas do Quadro Analítico da Imagem Etnográfica:

VI) Pergunta sobre a representação: O que está acontecendo nessa imagem?

Uma professora bem grande apontando para um quadro cheio de informações com uma legenda dizendo que os alunos têm que fazer tudo. Aparecem pequenos quadrados que aparentam ser os alunos em suas carteiras com uma legenda “nós não aguentamos mais”. Acima, está escrito algo difícil de ler, mas que parece se referir à solicitação acima que é “Faça uma redação sobre o que é realidade para você”.

VII) Pergunta sobre a cultura: Qual é o núcleo das relações?

Revela a cultura escolar de hierarquização de poder por conta da forma que a professora está representada e como os alunos reagem expressando o esgotamento dessa relação.

VIII) Pergunta sobre a linguagem visual: Que lugar é esse?

Aparenta ser uma sala de aula.

IX) Pergunta sobre o significado da imagem: O que significa esse espaço?

Significa uma sala de aula pela estrutura que se vê de mesas pequenas enfileiradas, quadro com tarefas, professora grande e pelo conteúdo das legendas.

X) Pergunta final que transpassa todas as anteriores : Todas as respostas têm caráter universal, se reconhece em qualquer contexto? Sim.

b) A análise da imagem etnográfica na “Figura 4”:

Eu considero a imagem na “Figura 4” como uma imagem etnográfica, uma vez que, responde satisfatoriamente as 05 perguntas do quadro analítico. Pois nela percebo que a aluna produziu uma imagem de um professor superior (BOURDIEU, 2015), bem maior que os alunos, tanto que os(as) alunos(as) aparecem nas suas mesas bem pequenos. Além disso, eles estão enfileirados clamando “nós não aguentamos mais”, enquanto a professora diz “vai ter que fazer tudo” e mostra o quadro todo escrito com conteúdo ou tarefas.

Logo acima, há um texto que está ilegível, mas consigo perceber que a aluna está falando algo como: “ainda bem que já está acabando o ano e todos vão se livrar da professora, [trecho ilegível...] que alguém repita de ano”. Esse trecho caracteriza a expressão da aluna que já se sente fadada ao fracasso escolar (MATTOS, 2022), pois expressa uma relação de poder e de exclusão educacional que inviabiliza o diálogo, onde se espera como primeira opção dessa relação de ensino e aprendizagem, a reprovação. Revela, ainda, por meio da reflexividade (ALVES, 2012), que a aluna não compreende a importância e a clareza das atividades e que se sente pressionada por alguém superior que exige dela algo maior que suas forças e possibilidades. Essa imagem demonstra para mim que não há na percepção dessa aluna um processo pedagógico dialógico que faça o professor e ela experimentarem da descoberta de novos conhecimentos de forma consciente e didática.

Isso me faz lembrar o conceito de fracasso escolar discutido nos estudos de Mattos (2022), onde a autora expõe que os estudantes que

superam esse tipo de processo pedagógico, conseguem se livrar do peso, mas os que não conseguem - por qualquer motivo que seja e por conta das diferenças que há dentro de uma sala de aula - são empurrados para a repetência e,

consequentemente, para o fracasso escolar.

1.4 Imagem etnográfica: Sala de aula – identidade - capitão

Figura 5 – Imagem etnográfica: Sala de aula – identidade – capitão



Fonte: Mattos (2008)

a) As cinco perguntas do Quadro Analítico da Imagem Etnográfica:

I) Pergunta sobre a representação: O que está acontecendo nessa imagem?

São duas imagens da mesma sala de aula. Sendo que a imagem do lado esquerdo possui uma sala com várias crianças em mesas ou em pé, uma professora sentada à mesa dando atenção a dois alunos, enquanto os outros estão escrevendo, conversando ou observando a câmera que captou a imagem. E a imagem do lado direito mostra um menino bem grande, se

comparado as demais crianças, andando ao centro da sala.

II) Pergunta sobre a cultura: Qual é o núcleo das relações?

Revela a cultura escolar de realizar tarefas em conjunto e buscar informações sobre as tarefas ou sobre outras coisas com a professora. E a presença de um menino acima da média da idade revelando a cultura da repetência.

III) Pergunta sobre a linguagem visual: Que lugar é esse?

Aparenta ser uma sala de aula.

IV) Pergunta sobre o significado da imagem: O que significa esse espaço?

Significa uma sala de aula pela estrutura que se vê de quadros verde e branco, cartazes expostos na parede, mesas e cadeiras, crianças uniformizadas e materiais escolares dispostos nas mesas.

V) Pergunta final que transpassa todas as anteriores :
Todas as respostas têm caráter universal, se reconhece em qualquer contexto? Sim

b) A análise da imagem etnográfica na “Figura 5”:

Eu considero a imagem na “Figura 5” como uma imagem etnográfica, uma vez que, responde satisfatoriamente as 05 perguntas do quadro analítico. Pois nela notei diferentes posturas dos estudantes diante de uma mesma tarefa proposta pedagogicamente. Além do mais, vislumbrei pequenos espaços de construção coletiva atuante e alguns de isolamentos. Chama atenção a imagem de um menino de maior estatura que os demais alunos, fato que revela a defasagem de idade-série na sala de aula.

Na pesquisa de Mattos (2008) há o relato do caso desse menino da imagem, pois, em uma entrevista com

as pesquisadoras, ele se denomina o “Capitão”. O aluno explica para as pesquisadoras que ele é quem manda na sala de aula e na escola porque pertence a uma determinada gangue da comunidade em que vive e, por isso, era respeitado (BOURDIEU, 2015). Isso revela a relação de poder que ele reproduz do seu entorno social para dentro da escola, que reproduz os múltiplos espaços sociais dentro de um pequeno espaço chamado sala de aula, onde eles convivem grande parte dos seus dias. Vale destacar também que o aluno relata que é multirrepetente (VASCONCELLOS, 2016) dessa mesma série. Diante disso esse poder que ele assumiu na sala de aula diz respeito, ainda, a questão da repetência que é produzida dentro da escola e tem como fruto diferentes violências, dentre uma delas o fracasso escolar desses estudantes que ficam a margem do processo educativo.

Ao refletir a escola a partir dessa imagem etnográfica, entendo a importância de reconhecer que em uma mesma sala de aula há estudantes com perspectivas distintas, posturas diferentes, entornos sociais diferenciado se, constantemente,

estão diante de um mesmo desafio. Esses aspectos formam o coletivo da sala de aula que se configura, nessa imagem, como um lugar de expressão de identidades.

Por fim, nesse artigo, entendo a imagem etnográfica como representação generalizável culturalmente, muito mais do que uma imagem produzida em um campo etnográfico. O NetEDU aplicou a etnografia tanto quanto método como episteme em suas pesquisas e, por isso, gerou imagens etnográficas da sala de aula em amplas dimensões de análise.

Desse modo compreendi que a imagem etnográfica - por revelar a cultura, as formas de ação e interação do sujeito como um todo - representa o fato, o fenômeno, a cultura e, até mesmo, a própria realidade. As pesquisas estudadas produziram imagens etnográficas no campo de investigação - no caso a escola - e, dessa forma, revelaram como elas ressoam as vozes e as imagens dos sujeitos pesquisados. A partir do estudo das pesquisas do NetEDU, percebo claramente que na pesquisa etnográfica educacional, a imagem corresponde a um elemento de análise

e interpretação que pode orientar e definir teorias e conceitos que dão significado à educação, visibilidade e permitem o surgimento das ações e interações dos sujeitos da pesquisa.

Considerações finais

Nesse artigo entendi que a imagem é etnográfica por ser uma imagem que revela a realidade do contexto pesquisado de forma cultural de entendimento universal. Ou seja, em qualquer contexto social de culturas aproximadas, a imagem etnográfica pode ser interpretada, dando a esse tipo de imagem uma especificidade no processo interpretativo e na produção de conhecimento, especialmente, em pesquisas qualitativas.

A partir do estudo metaetnográfico que desenvolvi percebi que as imagens etnográficas munem os etnógrafos em educação das concepções dos sujeitos e participantes do contexto da pesquisa e apresentam a realidade do dia a dia que norteia novas concepções teóricas, pedagógicas e educacionais. E, especialmente, deram aos(as) pesquisadores(as) do NetEDU a possibilidade de sugerir essas

concepções com potencial em direcionar políticas públicas a partir da escuta da voz do aluno, das imagens deles, das suas produções imagéticas, juntamente com suas próprias sugestões, soluções críticas e expectativas das suas próprias condições. Provando, assim, a autonomia e a capacidade crítica e reflexiva do aluno, que é o cerne da escola, junto ao pesquisador etnográfico. E, como pesquisadora metaetnográfica, assumo que a imagem etnográfica agrega como um potente dado de pesquisa que gera uma camada interpretativa que pode ampliar as vozes, as imagens e as produções de imagens dos participantes da pesquisa, em especial no contexto estudado, dos estudantes e da sala de aula.

Diante do exposto, entendo que a imagem etnográfica revela visualmente a cultura captada pelas lentes e pelos olhares dos participantes do contexto estudado. Logo, muito mais do que imagens da realidade, ela é a produção de uma experiência humana. À vista disso, a imagem etnográfica transparece muito mais do que a voz e a imagem do outro, ela também expressa os

símbolos, as interações humanas, os corpos no contexto, os sentimentos, as expressões humanas, os espaços, os rostos e os olhares. Sendo geradas por gravações de vídeos, fotografias ou desenhos, elas elucidam padrões de comportamento, códigos das interações verbais e não verbais e significados das relações espaciais e particularidades do espaço/tempo/época.

Deste modo, noto o quanto a imagem etnográfica da sala de aula pode cooperar com a educação e como as suas características as auxiliam à escola e seus participantes a refletirem suas práticas e a dialogarem sobre novas perspectivas das práticas pedagógicas nos processos de ensino e aprendizagem.

Referências

ALVES, W. B. *A Escola no Espelho: as representações do aluno*. 2012. 153 f. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

ARAÚJO, A. M. Imagem e educação: uma linha histórica e dialógica entre elas. In: *Anais do VI Congresso Nacional em Educação*. Campina Grande: Realize Editora. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60742>

ARAÚJO, A. M. *Imagem etnográfica da sala de aula: metaetnografia das pesquisas do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) no período de 1984 a 2016*. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BECKER, H. S. *Outsiders: Études de sociologie de ladéviance*. Paris: Métoulié. 1985

BERGSON, H. *Matière et Memoire*, Paris: P.U.F. 1968.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

CLIFFORD, J. MARCUS, G. *Writing culture*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CROSS, G. L. *Blacks in college: Oklahoma's landmark cases*. Norman: University of Oklahoma Press, 1975.

ERICKSON, E. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (ed.), *Handbook of research on teaching*. New York: Macmillan, 1986. p. 119-161.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis of interaction. In: LECOMPTE, M. D.; MILLROY, W. L.; PREISSE, J. (orgs.) *The Handbook of Qualitative Research in Education*. New York: AcademicPress,Inc, 1992.

ERICKSON, F. O que faz a etnografia da escola "etnográfica"? In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de (org.). *Etnografia na Educação: Textos de Frederick Erickson*. Rio de Janeiro: Netedu. E-book, 2004b. p. 225- 268.

ERICKSON, F. *Talk and social theory: Ecologies of speaking and listening in everyday life*. Cambridge: Polity Press, 2004.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. When is a context: Some issues and methods in the analysis of social competence. In.: *Ethnography and Language*. Editora: Ablex, 1981. p. 147-160.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. Nova York: Doubleday & Co, 1959.

KENDON, A. *Studies in behavior of social interaction*. Bloomington: University of Indiana Press. 1977.

LAGE, M. C. W. F. *Imagens de uma sala de aula: um estudo etnográfico dos processos sócio-educacionais e metacognitivos numa turma de 8a série do ensino fundamental público do Rio de Janeiro*. Dissertação [Mestrado em Educação]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

MATTOS, C. L. G. de. Descrição Densa. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de (org.). *Etnografia na Educação: textos de Frederick Erickson*. Rio de Janeiro: Netedu. E-book, 2004.

MATTOS, C. L. G. de. *Fracasso Escolar Gênero e Pobreza*. Relatório final de Pesquisa. CNPq. UERJ. NETEDU: Rio de Janeiro, 2010.

MATTOS, C. L. G. de. *Fracasso Escolar: Imagens de Explicações Populares sobre "Dificuldades Educacionais" entre Jovens de Áreas Rural e Urbana do Estado do Rio de Janeiro UFF/INEP*. Relatório final de Pesquisa. CNPq. FAPERJ. INEP. Rio de Janeiro, 1996.

MATTOS, C. L. G. de. *Fracasso escolar: uma etnografia*. Curitiba: Appris, 2022.

MATTOS, C. L. G. de. *Gênero e Pobreza: Práticas, Políticas e Teorias Educacionais – Imagens de escolas*. CNPq. FAPERJ. UERJ. NETEDU: Rio de Janeiro, 2012. Relatório de Pesquisa.

MATTOS, C. L. G. de. *Imagens da exclusão*. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: ProPEd, 2005.

MATTOS, C. L. G. de. *Imagens Etnográficas da Inclusão Escolar: o Fracasso Escolar na Perspectiva do Aluno*. UERJ. Relatório final de Pesquisa. CNPq. FAPERJ: Rio de Janeiro, 2008.

MATTOS, C. L. G. de. *Mulheres Encarceradas e seus Filhos(as): vulnerabilidades, desigualdades e disparidades socioeducacionais e suas intersecções de gênero e pobreza - um estudo etnográfico em Brasília, DF e Rio de Janeiro*. CNPq. Relatório de Pesquisa. FAPERJ. UERJ. NETEDU: Rio de Janeiro, 2015.

MATTOS, C. L. G. de. *Picturing School Failure: A Study of Diversity in Explanations of Educational Difficulties among Rural and Urban youth in Brazil*. Tese [Doutorado em Educação]. Graduate School of Education, The University of

Pennsylvania, Philadelphia, USA. 1992.

MATTOS, C. L. G. de. *TEJA: Tecnologia Educacional para Jovens e Adultos – enfrentando o fracasso escolar*. Projeto de Pesquisa: Rio de Janeiro, UERJ/CNPq, 1998.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. (orgs.) *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. Análises etnográficas das imagens sobre a realidade do aluno no enfrentamento das dificuldades e desigualdades na sala de aula. In: *VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste*. 2005.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A.; ARRUDA, J. J. B. Imagens de exclusão educação: microanálise da interação entre professora e alunos/as. In: *I Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação*. 2004. UERJ/ProPEd.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A.; MACIEL, S. A. *Gênero e Pobreza: a situação educacional dos filhos e filhas de mulheres presas e dos filhos e filhas de jovens infratoras no estado do Rio de Janeiro*. Relatório final de Pesquisa. CNPq. UERJ. NETEDU: Rio de Janeiro, 2012.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A.; SILVA, J. P.; SANTORO, A. C. S. Etnografia visual: o uso de imagens na pesquisa etnográfica. In: *II Seminário Interno de Imagem*, UERJ. Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS, C. L. G. de; COELHO, M. I. M. Violência na escola reconstruindo e

revisitando trajetórias e imagens de pesquisas produzidas por no Núcleo de Etnografia em Educação entre 1992 e 2007. In: MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. (orgs.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 195-219.

MATTOS, C. L. G. de; MACIEL, S. A. *Metacoginição em sala de aula: um estudo sobre os processos de construção do conhecimento na perspectiva do jovem infrator no Estado do Rio de Janeiro*. CRIAM. UERJ. Projeto de Pesquisa. CNPq. FAPERJ: Rio de Janeiro, 2002.

MATTOS, C. L. G. de; PUGGIAN, C. *TEJA / META: ações socioeducativas usando computadores*. DEGASE. UERJ. Relatório de Pesquisa. CNPq. FAPERJ: Rio de Janeiro, 2002.

MITCHELL, W. J. T. *The reconfigured eye: Visual truth in the post-photographic era*. Cambridge: MIT Press, 1992.

MOURÃO, L. de M. *Um estudo sobre a reflexividade de alunos do Ensino Médio: da culpa da vítima ao sonho da sociedade perfeita*. 2006. Dissertação [Mestrado em Educação]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

NOBLIT, G.; HARE, R. *Meta-ethnography synthesizing qualitative studies*. Newbury Park, California: A SAGE University Paper, 1988.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, L. *Imagem*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

NOVA, C. *Imagem e Educação: Rastreamento Possibilidades*. In: *Educação e tecnologia: trilhando*

caminhos. v.1. Salvador. Editora da UNEB, 2003. p. 1-17.

OLIVEIRA, C. I. C. *et al. Imagem e Educação*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

ROGOFF, I. Studying visual culture. In: MIRZOEFF, N. (ed.). *The visual culture reader*. New York: Routledge, 1998. p. 24-26.

SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SICARD, M. *La fabrique du regard*. Paris: Odile Jacob, 1998.

SONTAG, S. H. *On photography*. New York: Farrar-Strauss, 1977.

SPINDLER, G. D.; SPINDLER, L. *Fifty Years of Anthropology and Education, 1950-2000*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2000.

TURNER, S. *Sociological Explanation as Translation*. New York: Cambridge University Press, 1980.

VASCONCELLOS, S. S. *Multiplicidades da Avaliação Escolar: um estudo etnográfico sobre a repetência*. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

WERTHEIM, M. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.